

A transferência na clínica reichiana

CLAUDIO MELLO WAGNER



A TRANSFERÊNCIA NA CLÍNICA REICHIANA
Copyright © 2003, 2022 by Claudio Mello Wagner
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Edição: **Janaína Marcoantonio**
Revisão: **Mariana Marcoantonio**
Capa: **Studio DelRey**
Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
<http://www.summus.com.br>
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

APRESENTAÇÃO	9
INTRODUÇÃO	13
1 PSICANÁLISE, ECONOMIA SEXUAL E VEGETOTERAPIA	
CARACTEROANALÍTICA	23
Psicanálise e história	24
Psicanálise e economia sexual	32
<i>Sexualidade</i>	32
<i>Desenvolvimento psicosexual</i>	36
<i>Genitalidade</i>	39
<i>Função do orgasmo</i>	43
<i>Caráter</i>	47
Psicanálise e vegetoterapia caracterooanalítica	55
<i>A técnica psicanalítica</i>	55
<i>A vegetoterapia caracterooanalítica</i>	58
Vegetoterapia caracterooanalítica e outras psicoterapias corporais	66
<i>Vegetoterapia caracterooanalítica</i>	68
<i>Orgonoterapia</i>	74
<i>Bioenergética</i>	77
<i>Biodinâmica</i>	82
<i>Biossíntese</i>	87
<i>Retorno a Reich</i>	89
2 TRANSFERÊNCIA	97
Conceito de transferência	97
Aspectos da história do conceito de transferência	103
Aspectos econômicos da transferência	108

3 A TRANSFERÊNCIA NA VEGETOTERAPIA	
CARACTEROANALÍTICA	123
Considerações iniciais	123
Casos clínicos	130
CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
NOTAS	161
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	170

Apresentação

AS CONTRIBUIÇÕES DE CLAUDIO Mello Wagner ao terreno psicorporal têm-se evidenciado pela constante preocupação em alicerçar teoricamente a clínica reichiana, refletindo sobre suas peculiaridades e sua história. O convite para fazer a apresentação de seu terceiro livro deu-se oficialmente em um bar que, segundo ele, tinha no cardápio bolinhos de bacalhau fantásticos. Assim, vi-me diante de uma proposta duplamente saborosa.

Falar sobre a trajetória de Claudio é também contar sobre a minha. Ele e eu temos sido como duas retas paralelas: trilhamos, lado a lado, o mesmo caminho, mas quase nunca nos encontramos — *quase nunca*, pois, nos meandros da natureza humana, até as retas paralelas se cruzam, às vezes...

Há aproximadamente dez anos, autoincumbimo-nos da árdua tarefa de “arrumar a casa” reichiana. Os psicorporalistas brasileiros não tinham, até então, uma grande produção teórica, o que prejudicava a divulgação de suas ideias e métodos de trabalho, além de cercar de mistérios a prática que realizavam. Nossa missão era explicitar os conceitos que usualmente empregavam de forma tácita. Eu me embrenhei, em meu mestrado, pela bioenergética, buscando rastrear o lugar da palavra na obra de Lowen. Claudio, pouco antes de mim, fizera um trabalho arqueológico de grande fôlego, mostrando que a expulsão de Reich da Sociedade de Psicanálise dera-se por motivos políticos, não teóricos. Esse estudo originou seu primeiro livro.

Nessa obra, Mello Wagner denunciou o conformismo e o conservadorismo arraigados nos círculos psicanalíticos com a

precisão de cirurgião e a humildade de monge. Essa característica sempre esteve presente em sua maneira de fazer e falar sobre a clínica corporalista. Enquanto eu, em meus textos, alardeava a violência implícita e explícita de determinadas práticas bioenergéticas, ele escrevia e agia mais silenciosamente, evocando Reich e realizando com seus clientes trabalhos corporais pautados por respeito, carinho e suavidade.

Neste livro, Claudio trata da transferência no contexto psicorporal. As técnicas corporais podem ser, segundo ele, eficientes e eficazes no sentido de reavivar modelos de relações inconscientes que moldaram no cliente formas padronizadas e “engessadas” de ser — o caráter, como dizem os reichianos.

Ainda hoje um autor cercado de polêmicas, Reich é esse pensador proscrito que vagou pelo mundo em busca de ouvidos que o acolhessem, tentando lutar contra as doenças culturais que a sociedade criava para manter-se estática e neuroticamente equilibrada. Guerreiro e iconoclasta, fez muito mais inimigos do que amigos em sua furiosa passagem pela Terra. Criticá-lo é fácil, mas poucos o fazem com real conhecimento de causa. Na maioria das vezes, seus críticos e antipatizantes apenas repetem jargões desgastados e mitos infundados.

A proposta fundamental da vegetoterapia caracterológica parte dos primeiros textos de Reich, quando ele ainda era um psicanalista “aderido”, alertando seus colegas para a importância do trabalho com as resistências caracterológicas e a transferência negativa. Contudo, uma das principais contribuições reichianas deu-se a um passo além da psicanálise clássica: foi o fato de entender o ponto de vista econômico libidinal a partir do corpo e da vivência sexual plena.

Reich concebia mente e corpo como instâncias mutuamente influenciáveis e equivalentes. O sofrimento psíquico também se inscreve no corpo, e entender as “memórias da carne” é função do terapeuta psicorporal, não importa qual seja sua escola. Keleman, Lowen, Boadella, Boyesen, os principais seguidores

das ideias de Reich, trabalham sob essa égide. Evidentemente, há divergências conceituais e técnicas importantes entre eles, mas todos gravitam ao redor das mesmas premissas. É isso que nos aponta Mello Wagner com um texto claro, didático e bem-humorado, mostrando grande domínio conceitual.

Claudio toma o leitor pela mão, conduzindo-o ao campo da vegetoterapia caracteroanalítica, mapeando o caminho, definindo conceitos, questionando as egrégoras psicorporais (as “escolinhas”), os “corporalistas de carteirinha” e seus gurus. E faz tudo isso com a tranquilidade e a despreensão de um passeio dominical. Por fim, nos leva ao objetivo primordial de seu livro: entender o fenômeno da transferência na clínica psicorporal lastreando-o com a compreensão psicanalítica.

Se pensarmos nas polaridades *cura pela fala* e *cura pelo corpo*, encontraremos inúmeros matizes possíveis de trabalho clínico com orientação reichiana: há os terapeutas “mais” corporalistas e os “mais” verbais. Para Claudio, todas essas abordagens são válidas, desde que devidamente orientadas pela análise do caráter. O caminho que ele nos mostra é simplesmente o seu, a maneira terna, criteriosa e engajada como vem conduzindo sua clínica nos últimos 20 anos.

Se os bolinhos de bacalhau — realmente deliciosos! — satisfizeram meu paladar, este livro aguçou meu espírito de pesquisador sem saciá-lo por completo. Acredito, aliás, que seja esta a função de um bom texto: assanhar o desejo do leitor, e não esgotá-lo. Essa fome nos é necessária para a vida. Essa fome é a vida. E a linguagem deve imitá-la.

Bom apetite!

PROF. DR. MARCOS A. T. CIPULLO
Professor e supervisor clínico das
Universidades Bandeirantes
(Uniban) e Paulista (Unip)

Introdução

O PRESENTE TRABALHO TRATA da transferência na vegetoterapia caracteroanalítica (VCA).¹ Procuro demonstrar, por meio de casos clínicos, a tese segundo a qual a elaboração da transferência na relação psicoterapêutica pode ser agilizada e facilitada quando se faz uso da abordagem corporal como instrumento nesse processo.

Existem, porém, alguns pontos que precisam ser elucidados antes da apresentação e discussão dos referidos casos clínicos. Mesmo sob o risco de tornar esta introdução um tanto longa, considero necessária uma explanação prévia do contexto em que surge este estudo. A omissão deste esclarecimento poderia torná-lo incompreensível. Isso porque, embora o assunto em tese verse sobre um aspecto, ou melhor, uma importante questão da prática clínica (a transferência), sabemos que existem sistemas e teorias que regem, dos bastidores, o acontecer clínico propriamente dito. No caso da VCA, o referencial teórico não é único, mas duplo: psicanálise e economia sexual. Essa confluência de diferentes referenciais teóricos já requer alguma explicação. Além disso, devemos reconhecer que, diferentemente da psicanálise, a economia sexual não conta, mesmo hoje, com uma ampla divulgação — o que a dispensaria de uma apresentação inicial. Como ainda é pouco conhecida, é preciso fazer alguns esclarecimentos.

O primeiro deles diz respeito aos termos envolvidos neste trabalho: transferência e VCA.

Em psicologia, o termo transferência remete-nos direta e imediatamente ao sistema de teorias conhecido como psicanálise. Foi Sigmund Freud quem, pela primeira vez, utilizou este termo para designar um determinado fenômeno psíquico, interferente tanto na relação psicoterapêutica quanto nas relações humanas de forma geral. O segundo termo, VCA, foi cunhado por Wilhelm Reich para nomear a sua prática clínica psicoterapêutica, referenciada por um sistema de teorias chamado economia sexual.

Temos então dois sistemas teóricos — psicanálise e economia sexual — e suas respectivas práticas psicoterapêuticas: psicanálise e VCA. E temos também que, se esses sistemas e práticas têm nomes diferentes, é porque aludem a teorias e técnicas distintas. Nesse sentido, a utilização de um conceito (a transferência) em um contexto outro que não o seu de origem (a psicanálise) é um fato que, por si só, como já assinalado, demandaria algumas explicações.

A dedução acima, de que os diferentes nomes indicam teorias e práticas distintas, embora muito aceita entre psicanalistas e psicorporalistas, não reflete, a meu ver, o resultado de um estudo cuidadoso dessas teorias e práticas e de suas inter-relações. As distinções entre psicanálise e economia sexual e entre psicanálise e VCA deveriam ser feitas a partir de critérios científicos e não de posições preconceituosas, apoiadas em versões tendenciosas da história, em limitações pessoais ou em defesas corporativistas de instituições bem estabelecidas. O pensamento e a pesquisa científica não podem estar atrelados a interesses institucionais e mercadológicos ou submetidos à tradição, sob o risco de se tornarem instrumentos a serviço de uma nova ideologia ou religião.

Diferenças existem e precisam ser consideradas. E mesmo antes de considerar as diferenças entre os sistemas aqui enfocados, devemos lembrar que estes sistemas já apresentam diferentes possibilidades de interpretação e recortes. Nem a psicanálise nem a economia sexual se constituem como ciências exatas e

monolíticas. Permitem, pelo contrário, o surgimento de diferentes vertentes a partir de seus *corpora* fundadores.² Assim, em psicanálise, temos as correntes kleiniana, lacanianiana, winnicottiana etc., e a partir da economia sexual vemos surgir a VCA, a bioenergética, a biodinâmica e a biossíntese, entre outras.

O exposto acima é um preâmbulo para a explicitação da minha posição em relação à psicanálise e à economia sexual. Tanto uma quanto outra são utilizadas neste trabalho como referências teóricas e clínicas, e não como reverências. Pois são, ambas, construções científicas extremamente consistentes e coerentes, e que se constituem como marco inicial de minha prática psicoterapêutica atual. É como *simpatizante* e não como *militante* destas teorias que me autorizo a utilizá-las e recortá-las segundo os ditames de minha clínica e de meu pensamento.

Questões referentes ao status da psicologia e psicoterapia corporal reichiana, frente à psicanálise, são questões menores. Interessam a pessoas preocupadas com grifes, marcas, árvores genealógicas e outros fetiches. A pertinência ou não das contribuições da economia sexual para a compreensão do fenômeno humano e da VCA, como proposta psicoterapêutica, não pode ser feita a partir de opiniões não avalizadas pela experiência. Quem, por razões pessoais, não se dispuser a praticar uma psicoterapia corporal, que assim o faça. Mas que abra mão de realizar teorias a esse respeito. Milhões e milhões de besouros voam diariamente, há milhares de anos, mesmo a despeito de cálculos e teorias em aerodinâmica “provarem” que eles são incapazes de voar.

Psicanálise e economia sexual são construções teóricas, e não latifúndios. O homem, o psiquismo, a sexualidade, a unidade soma-psyque, não são propriedades desta ou daquela ciência. O fenômeno humano é um só. Os enfoques são diferentes e parciais. Sempre.

Em um primeiro momento, a psicanálise ampliou o conhecimento a respeito do homem, desvendando uma nova faceta sua: o inconsciente. Depois, a economia sexual esclareceu o elo

entre os processos somáticos e psíquicos: a função do orgasmo ou o funcionamento pulsátil do vivo e suas expressões psíquicas. Aquilo que poderia levar a uma ampliação da compreensão do humano transformou-se em disputa teórica de enfoques. Em vez de termos dois potentes holofotes contribuindo para iluminar o mesmo objeto de forma mais nítida e matizada, vemos um holofote se dirigindo contra o outro, deixando o objeto na penumbra. Se, hoje, psicanálise e economia sexual parecem ter enfoques tão distintos, é preciso restabelecer a história e o percurso que levou a essa distinção, uma vez que a economia sexual surgiu do aprofundamento de um dos campos de pesquisa da psicanálise: os aspectos econômicos (libido, pulsões, excitações somáticas etc.) do funcionamento psíquico.

Restabelecer a história do desenvolvimento da economia sexual e da VCA é o objetivo do primeiro capítulo deste trabalho. Aqui procuro, em primeiro lugar, apresentar a economia sexual como o fruto de um triplo enraizamento: da biologia, da psicologia e da sociologia. Isso significa dizer que a economia sexual considera o fenômeno humano no entrecruzamento dessas três linhas de força.

Embora a psicanálise tenha levado em conta esse entrecruzamento em suas primeiras teorias (vejam-se, nesse sentido, artigos de Freud como “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”³ e “A moral sexual ‘cultural’ e o nervosismo moderno”⁴), foi paulatinamente afastando delas as interferências da biologia na psicologia e, mais marcadamente, das influências sociais e culturais em suas considerações sobre a formação e o funcionamento da personalidade humana. (Ao transferir o conflito básico humano entre sexualidade e cultura para o conflito intrapsíquico entre eros e thanatos, a psicanálise reduziu a importância dos aspectos socio-culturais na dinâmica psíquica. “Além do princípio do prazer”⁵ é o trabalho de Freud mais significativo dessa alteração.)

A economia sexual, se podemos assim dizer, permanece fiel a algumas teorias psicanalíticas. Ela procura aprofundar o

conhecimento a respeito dos vínculos existentes entre o biológico, o psicológico e o social. Sua referência primeira é a psicanálise, com suas teorias sobre sexualidade, desenvolvimento psicosssexual, genitalidade, caráter etc. Sua preocupação inicial é com a comprovação biofísica da dimensão psíquica das teorias psicanalíticas, isto é, com os aspectos econômicos das teorias psicanalíticas. Ela não se opõe às teorias psicanalíticas a respeito do funcionamento psíquico (inconsciente, repressão, transferência etc.). Em seu curso de desenvolvimento, a economia sexual, antes de ser assim designada, encontrou no orgasmo genital o fenômeno central da teoria sexual. Contudo, essa descoberta já não pode mais ser aceita pela psicanálise. Motivações de ordem científica, política e pessoal atuaram de modo a afastar Reich dos quadros psicanalíticos (teóricos e institucionais).

Da exclusão de Reich (e de suas teorias) da psicanálise, surgiu a economia sexual, então apresentada como uma ciência independente de sua matriz. Contudo, não se podem deixar de ver, mesmo considerando psicanálise e economia sexual como ciências distintas, os vínculos ainda existentes entre uma e outra. O que quero mostrar aqui é que as teorias fundamentais da economia sexual resultam de pesquisas clínicas e laboratoriais de hipóteses teóricas psicanalíticas. Para uma melhor apreciação deste item, convém lembrar e sempre ter presente a perspectiva científica reichiana de buscar comprovações físicas e biológicas da metapsicologia freudiana. Ao menos em princípio e na sua origem, esta é a perspectiva de Reich, de contribuição e ampliação do saber psicanalítico. E, em princípio, é esta a minha filiação à economia sexual: compreender mais em detalhe os vínculos e relações entre o econômico e o dinâmico, entre o somático e o psíquico, entre os afetos e as representações mentais. A obtusão do pensamento, com a conseqüente redução do humano a processos econômicos (biofisiológicos), não faz parte de minha filiação à economia sexual.

Este é, portanto, o objetivo da primeira parte do primeiro capítulo deste trabalho: mostrar o contexto histórico e científico

em que surgem as primeiras teorias da futura economia sexual. Desta apresentação, poderemos perceber quais foram os recortes realizados por Reich sobre a psicanálise, isto é, quais teorias psicanalíticas influenciaram o desenvolvimento da economia sexual.

A segunda parte do primeiro capítulo visa apresentar a prática clínica vegetoterapêutica. Aqui, também, a prática psicanalítica é tomada como referência inicial e contraponto.

A mais séria objeção feita à psicanálise é o tempo excessivamente longo requerido para o seu processo de tratamento. O mundo moderno tem como característica a velocidade; transportes mais velozes, comunicações mais rápidas, *fast-foods*, tratamentos imediatos. Na contramão da história, o tratamento psicanalítico passou de três a seis meses para um período não inferior a uma década. Antes que esses dados caiam nas mãos de ferrenhos opositores da psicologia profunda em geral, convém lembrar dois pontos importantes. Ao descobrir o inconsciente, a psicanálise imaginava que ele fosse algo como um lago de dois ou três metros de profundidade e que bastaria trazer à tona alguns de seus elementos excêntricos. Com o tempo, ela se deu conta de que esse lago escondia profundidades abissais e de que não seria suficiente trazer à tona os elementos inconscientes. Outro ponto importante, e que contribuiu para o alargamento da duração do processo psicanalítico, foi a descoberta da dinâmica de transferência. Essas descobertas justificam em larga medida o aumento do tempo da psicoterapia: perdeu-se em velocidade, mas ganhou-se em profundidade e em eficácia. O grande desafio que a VCA deve enfrentar é, a meu ver, aumentar a velocidade do tratamento (isto é, torná-lo menos extenso no tempo) sem perder profundidade e eficiência. A proposta da VCA de mobilizar o corpo, aumentar as excitações para favorecer a emergência de elementos inconscientes, deve ser apreciada com rigor e carinho. A entrada do corpo na cena analítica não pode ser desdenhada por fatores de ordem moral ou estética. Tampouco pode ser aceita como estratégia antianalítica. Na VCA, considero o trabalho

corporal como meio facilitador da percepção dos processos e conflitos emocionais. Na apresentação dos casos clínicos, poderemos apreciar a utilização do trabalho corporal na elaboração da transferência.

Quando falamos a respeito das práticas clínicas (psicanálise e VCA), existe um ponto que merece atenção especial, já mesmo nesta introdução. Ao apresentá-las, ressaltamos uma faceta de seus idealizadores: a ousadia em propor e experimentar algo novo. Tanto Freud (da hipnose à associação livre) quanto Reich (da associação livre à prática corporal) ousaram praticar novas técnicas de tratamento, diferentes das conhecidas até então. Nos dois casos, suponho, aquilo que lastreava em larga medida tais experiências era o desejo de encontrar uma técnica de tratamento mais eficaz e mais eficiente. Vejamos esses dois termos.

Utilizarei a designação de tratamento eficaz ao tratamento cujos efeitos e resultados perdurem, para além do tempo de tratamento e para além da pessoa do terapeuta. Nesse sentido, a palavra eficácia tem o mesmo significado tanto para a psicanálise quanto para a VCA. Em contrapartida, o termo eficiência será utilizado com conotações um pouco diferentes para a psicanálise e para a VCA.

No caso da psicanálise, veremos Freud buscando um procedimento terapêutico mais eficiente no sentido de poder, com esse procedimento, atender a uma maior variedade de pessoas e não só àquelas hipnotizáveis. Já no sentido de significar um tratamento mais rápido, o termo eficiência não pode ser aplicado à psicanálise. Como visto há pouco, e justificadamente, com a descoberta da magnitude do inconsciente e da dinâmica da transferência, o processo psicanalítico passou a se estender no tempo.

Com relação à VCA, o termo “eficiência” pode ser entendido de duas formas: como um tratamento válido para diferentes “tipos” de pessoas e como um tratamento mais rápido no tempo.

O último item do primeiro capítulo procura situar a VCA dentro do universo das psicoterapias corporais. Assim como

da matriz psicanalítica freudiana surgiram várias escolas de psicanálise, também da economia sexual reichiana vemos partir diversas escolas psicorporalistas. A importância de destacar a VCA nesse universo não está em querer torná-la melhor que as outras. O sentido aqui é o de mapear, mesmo que de forma inicial e incompleta, o universo e a história das psicoterapias corporais. Não há dúvida de que Reich é o pioneiro neste campo. E que o nome VCA foi por ele utilizado até os idos de 1948, quando passou a denominar a sua prática de orgonoterapia. O que ainda não está bem estudado é o fato de Reich ter experimentado diferentes abordagens psicoterapêuticas sob o rótulo de VCA. Essas diversas experiências podem ter originado algumas das psicoterapias corporais atualmente conhecidas.

De posse desse mapeamento, o leitor poderá entender melhor a razão desta longa introdução e da explanação contida no primeiro capítulo: apresentar as origens da economia sexual como base teórica da(s) psicoterapia(s) reichiana(s) e de várias outras psicoterapias corporais, para então destacar a VCA como uma prática psicorporal que considera a transferência como o pivô do tratamento psicoterapêutico. Assim, o leitor também compreenderá por que utilizei o termo clínica reichiana no título do livro (como referência ao método reichiano de investigação do inconsciente via corpo), embora tenha usado o termo VCA ao longo do texto (relacionado à técnica de uma entre as escolas psicorporalistas).

O segundo capítulo procura realizar uma ligação entre os aspectos históricos e teóricos (capítulo 1) e a apresentação dos casos clínicos (capítulo 3).

Se a economia sexual mantém vínculos com a ciência psicanalítica, incorporando algumas teorias desta última, e se a VCA inclui a prática corporal no trabalho de análise de caráter, considerando, portanto, sobretudo a análise de resistências e a análise da transferência, podemos então passar à apresentação da outra personagem deste trabalho: a transferência.

Entre os estudiosos e praticantes das psicologias profundas, a transferência é reconhecidamente o tema clínico mais importante. Seja na prática clínica, seja na teoria da técnica, a transferência ocupa a maior parte dos debates, supervisões e escritos. Sendo assim, farei apenas uma breve apresentação do conceito de transferência, por intermédio de autores que se dedicam ao tema em grande profundidade. A seguir apresentarei um enfoque, que considero original, sobre a transferência: o enfoque econômico.

A transferência tem sido tratada como um fenômeno dinâmico. Fala-se em dinâmica da transferência. Nada mais justo, uma vez que o transferido é a representação de uma situação passada. Entretanto, sabemos com Freud e com Reich que não há dinâmica se não houver uma economia libidinal ou energética que alimente o seu fluxo. Ou, em outros termos, não há representação psíquica desprovida de carga afetiva. No caso da transferência, procuro mostrar que tal manifestação está longe de ser um capricho ou manha de alguns poucos pacientes com carência afetiva e que se trata, do ponto de vista econômico, de uma via de descarga libidinal. Nesse sentido — da expressão de uma necessidade energética —, a transferência deveria receber maior atenção por parte dos psicoterapeutas corporais que se propõem a operar com uma psicologia do profundo, das emoções, das paixões, das fantasias, das desconfianças, dos medos... e das idealizações.

O terceiro capítulo é dedicado à apresentação de casos clínicos. A partir deles, procuro mostrar que o trabalho corporal, quando bem empregado, escapa do campo da *atuação* e se transforma em *atividade* convergente na elaboração da transferência. Além disso, também percebemos como o trabalho corporal, ao promover o afloramento de conteúdos inconscientes, agiliza o processo terapêutico de forma geral.

O quarto capítulo é dedicado às considerações finais. Tendo sustentado a tese segundo a qual o fenômeno da transferência não só acontece na clínica psicorporal, como também pode ser abordado e elaborado com o auxílio da atividade corporal, passo

a fazer indicações a respeito de situações específicas da transferência nesse tipo de trabalho. Dito de outra forma, este trabalho aborda a transferência na VCA em suas linhas gerais. Embora os casos clínicos apresentados evidenciem situações transferenciais específicas, e com isso suscitem inúmeras outras questões referidas ao tema da transferência e dos próprios casos, o objetivo deste livro é ressaltar o enorme potencial da abordagem corporal, no caso a VCA, na elaboração da transferência de forma específica, e no processo psicoterapêutico de forma geral.

Espero sinceramente que minhas limitações pessoais, aliadas à escassa fonte bibliográfica a respeito da transferência na abordagem corporal, não sirvam de motivo para se menosprezar a clínica corporal. Ao contrário, espero que este trabalho possa servir como introdução para futuras pesquisas e teses sobre o assunto. Nesse sentido, merecem atenção e estudos aprofundados temas como a presença do olhar na situação psicoterapêutica, a movimentação e a exposição corporal, o contato corporal, o erotismo — e, claro, a contratransferência.

1. Psicanálise, economia sexual e vegetoterapia caracteroanalítica

A PARTIR DE 1934, ano de sua exclusão dos quadros da Associação Psicanalítica Internacional (API), Reich passou a denominar de *economia sexual* o conjunto de suas teorias sobre sexualidade humana e suas relações com o psiquismo. Até essa data, Reich se considerava e era oficialmente considerado psicanalista. Todavia, em 1942, reconheceu que, por volta de 1928, as divergências entre suas teorias a respeito da importância da genitalidade no equilíbrio psíquico e a matriz psicanalítica já prenunciavam seu futuro rompimento com Freud.⁶

Em outro trabalho,⁷ defendi a tese de que os fatores determinantes para a expulsão de Reich da API foram de ordem política, e não científica. E aqui surge o relato do próprio Reich de que suas divergências científicas com Freud o levaram a estabelecer a economia sexual como ciência independente da psicanálise. Antes de seguir averiguando as relações entre essas duas ciências e o desenvolvimento histórico e científico da primeira, gostaria de retomar alguns pontos de meu trabalho anterior para que se desfaça a aparente contradição.

Em primeiro lugar, é sempre bom lembrar o já sabidamente conhecido: não existe produção científica desengajada de seu contexto histórico, social, político, econômico e ideológico. Da matemática à psicanálise, qualquer produção científica é atravessada — ou está filtrada — pela subjetividade humana, a qual, por sua vez, já reflete o amálgama das influências sociais, históricas e ideológicas na formação do sujeito produtor de ciência. O

método de análise de cada elemento constituinte de um determinado evento nos facilita a compreensão de uma série de fenômenos desse evento. Mas é na síntese das inter-relações entre esses elementos que está a compreensão deste fato. Ou, como bem o sabemos: o todo é mais do que a soma das partes. Nesse sentido, isolar o debate científico psicanalítico entre Freud e Reich de seu contexto histórico requer muita cautela.

Façamos, então, um primeiro recorte cronológico e tomemos o período em que Reich esteve diretamente vinculado à ciência psicanalítica, ao movimento institucional psicanalítico (API) e à militância política. Esse período vai de 1920 (ano de sua admissão na Sociedade de Psicanálise de Viena) a 1933-4 (anos da dissolução do Partido Comunista da Alemanha, da expulsão de Reich dos quadros da API e do início de suas pesquisas com bioenergia na Escandinávia).⁸

Dentro desse período de 1920 a 1934, podemos ainda separar, didaticamente, os principais focos de atenção do pensamento de Reich em três grandes áreas: questões referentes às teorias psicanalíticas, à prática clínica e, ainda, às aplicações da psicanálise no campo social. Começemos pela terceira área.

PSICANÁLISE E HISTÓRIA

Muito embora Reich só tenha se filiado ao Partido Comunista da Áustria em 1927,⁹ suas preocupações com a aplicação da psicanálise em escala social e sobretudo no sentido da prevenção das neuroses nos remetem a 1922. Foi nesse ano que um antigo desejo de Freud se concretizou: a fundação da primeira clínica psicanalítica pública de Viena,¹⁰ “onde pessoas impossibilitadas de pagar um atendimento particular pudessem ser atendidas”.¹¹ E foi trabalhando nessa clínica (de 1922 a 1930) que Reich entrou em contato direto com duas de suas preocupações antigas: a política e a saúde mental do trabalhador.